

Aspectos históricos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- Apae de Aracaju/SE

Historical aspects of the Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae de Aracaju/SE

Aspectos históricos de la Asociación de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae de Aracaju/SE

Ana Cláudia Sousa Mendonça¹
Rita de Cássia Santos Souza²

Resumo: O presente artigo teve por objetivo traçar os caminhos percorridos para a fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Aracaju (SE), ocorrida em 27 de agosto de 1968, período onde pouco se falava em Educação Especial no estado sergipano, como também não havia formações com esse direcionamento, nem escolas preparadas para receber o público da diversidade, não enquadrado nos ditames de uma sociedade que foi pensada para os iguais produtivos, frutos do capitalismo. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico e documental baseado em atas da associação de 1971, Jornal Gazeta de Sergipe dos anos de 1965 e 1970 e o Plano de Ação de 2012, como também, através do diálogo entre estudiosos que abordam a importância de se preservar a história através da memória coletiva e individual que contribuíram para história da fundação da associação. Os procedimentos metodológicos foram leituras e análises dos documentos, como também as edições do Jornal Gazeta de Sergipe que noticiaram sobre a APAE aracajuana, mapeados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. As conclusões pretenderam contribuir apresentando através da existência física e social da associação que todos são capazes de construir sua história como cidadãos com direitos e deveres constituídos.

Palavras-chave: APAE de Aracaju (SE). Educação Especial. Fundação. História. Memórias.

Abstract: *The purpose of this article was to trace the paths taken by the Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) of Aracaju (SE), created on August 27, 1968, when there was little talk about Special Education in the state of Sergipe, nor were there any formations with this orientation or schools prepared to receive people with disabilities, not framed in the dictates of a society that was conceived for productive equals, fruits of capitalism. It is a bibliographical and documentary study based on the records of the association of 1971, Jornal Gazeta de Sergipe of the years 1965 and 1970 and the Plan of Action of 2012, as well as through the dialogue among scholars that approach the importance of to preserve history through the collective and individual memory that contributed to the history of the foundation of the association. The methodological procedures were readings and analyzes of the documents, as well as the editions of the Jornal Gazeta de Sergipe that reported on the APAE of Aracaju, mapped in the Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. The conclusions sought to contribute by presenting through the physical and social existence of the association that all are able to build their history as citizens with rights and duties.*

1 Mestre em Educação, Professora da Rede Estadual, membro do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NUPITA/UFS).

2 Doutora em Educação, Pós-Doutorado em Educação, Professora da Universidade Federal de Sergipe, membro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, SBHE, líder do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NUPITA/UFS).

Keywords: APAE of Aracaju (SE). Special education. Foundation. History. Memoirs.

Resumen: El presente artículo tuvo por objetivo trazar los caminos recorridos para la fundación de la Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Aracaju (SE), ocurrida el 27 de agosto de 1968, período donde poco se hablaba de Educación Especial en el estado de Sergipe, como tampoco había formaciones con esse direccionamiento y ni escuelas preparadas para recibir personas con discapacidad, no encuadrado en los dictados de una sociedad que fue pensada para los iguales productivos, frutos del capitalismo. Se trata de un estudio de cuño bibliográfico y documental basado en actas de la asociación de 1971, Jornal Gazeta de Sergipe de los años 1965 y 1970 y el Plan de Acción de 2012, así como a través del diálogo entre estudiosos que abordan la importancia de se preserve la historia a través de la memoria colectiva e individual que contribuyeron a la historia de la fundación de la asociación. Los procedimientos metodológicos fueron lecturas y análisis de documentos, así como la se dicesiones del Jornal Gazeta de Sergipe que informaron sobre la APAE de Aracaju, mapeados en el Instituto Histórico y Geográfico de Sergipe. Las conclusiones pretendieron contribuir presentando a través de la existencia física y social de la asociación que todos son capaces de construir su historia como ciudadanos con derechos y deberes constituidos.

Palabras clave: APAE de Aracaju (SE). Educación especial. Fundación. Historia. Recuerdos.

INTRODUÇÃO

Na construção da identidade, a associação adotou no logotipo o símbolo oficial da figura da flor “margarida”, tendo como diferencial nas imagens o estado ou cidade onde está inserida a associação.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Aracaju (SE), foi fundada em 27 de Agosto de 1968 pelo Senhor Paulo Donizete, este que tinha um filho com Paralisia Cerebral. Na época, encontrar escolas com atendimento na área da Educação Especial era quase impossível. Diante de tais dificuldades, ele procurou outras famílias que tinham os mesmos objetivos, “cuidar de seus filhos com deficiência”, para juntos encontrarem uma solução.

Os primeiros passos foram dados pelos Senhores Luiz Gonzaga da Silva, Paulo Donizete, Moacir Seabra Oliveira, Manoelito Carvalho e outros que foram se somando à causa. No entanto, anos antes já circulava a possibilidade da fundação da associação na capital sergipana. Em 1965, o Jornal Gazeta de Sergipe trouxe, em sua edição de 11 de março, a seguinte nota:

CRIANÇAS ANORMAIS: Um leitor assíduo desta coluna, que se assina Paulo J. O. Vieira, nos escreve amável carta, comunicando que pretende fundar nesta Capital, uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, (APAE) orgão que se propõe a congregar os pais de crianças retardadas, mas, a comunidade em geral. Deseja o missivista ampla publicidade, a fim de des-

pertar o interesse do povo. A direção deste orgão fará publicar os – conceitos – remetidos em outro local. O Centro de Recuperação Ninota Garcia, sob os cuidados do dr. Antonio Garcia, é um obra meritória e que vai prestando relevantes serviços a todos os “retardados”. O sr. Paulo Vieira deveria entender-se com o diretor do Centro de Recuperação, para melhormente acertarem a solução dos problemas que o preocupam (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1965, p. 4).

Nota-se que as notícias das fundações das APAEs em outros estados tinham chegado até a nossa cidade bem antes da primeira reunião oficial dos interessados na causa. A primeira reunião registrada em ata aconteceu no antigo Auditório do Ginásio de Esportes Charles Moritz, em 27 de agosto de 1967, tendo o início das atividades ocorrido somente um ano mais tarde.

Em razão do preconceito social, as famílias negavam a existência das crianças com deficiência e, sendo assim, poucas pessoas utilizavam os serviços prestados pela instituição. Neste contexto e com o intuito em aumentar o número de participantes, foram realizadas visitas às famílias que tinham filhos ou parentes com deficiência.

No ano de 1970, quase cinco anos após a publicação referenciada anteriormente, o mesmo jornal traz como destaque outra nota:

O Sr. Paulo José de Oliveira Vieira presidente da Associação de Pais e amigos dos

Excepcionais de Aracaju, disse a GAZETA DE SERGIPE que a promulgação da Emenda Constitucional pelo Governo do Estado, com a inclusão das medidas de proteção adotadas pela Constituição Federal no parágrafo 2º do artigo 143, tem sido muito bem aceita pela comunidade sergipana, porque visa proteger a criança excepcional. Acrescentou o Presidente da Associação que “o parágrafo 2º do artigo 143 da nossa Carta Magna, diz: ‘O Plano Estadual de Educação adotará normas visando a Educação Especial dos Excepcionais do físico, dos sentidos e da inteligência.’” (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1970, p. 2).

Sobre o que foi publicado neste periódico, tem uma passagem que abrange, de forma sucinta, o exposto pelo Senhor Paulo José de Oliveira Vieira, presidente da APAE sergipana, ao dispor que a Emenda Constitucional envolve toda a sociedade, porque mesmo direcionada a uma parte da população, ela só funcionará com o apoio e a intervenção de todos os componentes do grupo social quando disseminada em sua individualidade. Isto porque,

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais (BOSI, 2003, p. 21-22).

O mesmo recorte jornalístico mencionava a importância da Emenda Constitucional para Sergipe e a quem competia a responsabilidade de preparar a comunidade para a aceitação dos excepcionais. Em relação a Sergipe está posto que:

Para o Sr. Paulo José de Oliveira Vieira, desta forma, Sergipe, ficou dotado dos elementos básicos para enfrentar o grave problema do Retardo Mental, que tem atingido e inabilitado cerca de 5% da população desde o seu nascimento, e não pode deixar de ser considerado um problema social. Lembrou o Presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de

Aracaju, que ate pouco tempo, a criança excepcional, era considerada como algo vergonhoso, a tal ponto que as famílias os mantinha escondidos. Com o surgimento de entidades que congregam pais, amigos e pessoas interessadas, houve um despertar geral da Nação, para tão grave problema, que não de ordem particular, mas de toda a comunidade (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1970, p. 2).

Percebe-se o despertar para a causa do “excepcional” depois da Emenda Constitucional, que munuiu de esperanças os pioneiros da APAE sergipana, os quais, mesmo sutilmente, já percebiam mudanças e obstáculos sendo vencidos.

O desejo do crescimento da caminhada fomentou o galgar da primeira batalha: conseguir pessoas que abraçassem a associação, apresentando seus filhos, parentes e amigos para o novo que adentrava a sociedade aracajuana. Isto impulsionou um pequeno grupo que, aos poucos, ganhou forças e adeptos.

Ao mesmo tempo, visitas foram feitas ao Centro de Reabilitação Ninota Garcia com o objetivo de sensibilizar as famílias sobre a importância do tratamento para o desenvolvimento do indivíduo. Segundo Souza (2013, p. 118), o Centro de Reabilitação Ninota Garcia “[...] surgiu entre 1961 e 1963 e tinha como finalidade assistir os deficientes motores e dos sentidos e foi o pioneiro no trabalho com a Educação Especial no Estado de Sergipe e o terceiro no país”. Nesse trabalho de impactar as responsabilidades, o jornal termina a escrita da nota pondo que:

Afirmou o sr. Paulo José de Oliveira, que “recai sobre as APAEs”, a responsabilidade de preparar a comunidade para a aceitação dos excepcionais, como eles são, fazendo com que este seja aceito dentro da família e fora dela, e que se extermine de uma vez por todas os preconceitos, e, abusos (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1970, p. 2).

Nota-se uma preocupação em sensibilizar não só as famílias, como a comunidade em que essas pessoas e seus familiares estavam

inseridos. É muito forte a questão “aceitação”, ou seja, ser aceito dentro e fora, exterminando preconceitos e abusos. Contudo, a caminhada não seria fácil, porque destronar conceitos arraigados é muito dolorido, principalmente quando atinge a menor parte do todo.

O grupo permaneceu focado nos ideais de construção de um espaço de “receptividade” digno para as pessoas com deficiência, as quais eram, no período em estudo, denominadas de excepcionais ou com retardo mental.

No início, as atividades da associação eram realizadas em uma sala no Estádio Lourival Batista (Batistão), onde funcionava todo atendimento educacional, período que não havia distinção de deficiência e nem limite de faixa etária. Em uma assembleia da APAE foi discutido sobre a sala do Batistão:

Franqueada a palavra, o Secretário Manoel dos Santos Carvalho prestou conta da sua visita ao Secretário de Educação referente à cessão ou não da sala do Estádio Lourival Batista para sede e escola da “APAE”, informando que no dia seguinte iria apanhar naquela Secretaria o ofício para a Administração do Estádio e entregar a chave da sala solicitada (ATA DA 2ª ASSEMBLEIA DA APAE, 29 de abril de 1971).

A assembleia relatada aconteceu na sede social do “SESC - SENAC”, onde, dentre vários assuntos abordados, pleiteava-se uma sala no Estádio Lourival Batista, junto ao Secretário de Educação.

A Ata da 3ª Assembleia, realizada no dia 25 de maio de 1971, ocorreu “[...] às 20:30 horas na Sede e Escolinha da ‘APAE’ à sala nº 13 do Estádio Lourival Batista”. Ficando evidente que a solicitação foi prontamente atendida.

Diante do número de pessoas para serem atendidas, do pouco conhecimento em relação às deficiências e para garantir uma melhor recepção, surgiu a necessidade de buscar informações e formações. Com isso, foram enviados para a APAE de Salvador/BA alguns professores por um período de cinco meses

para eles realizarem estágio, objetivando a formação na Escola Especial.

Diversas personalidades foram de grande importância para o nascer da APAE aracajuana e a Senhora Marilza Franco, primeira fonoaudióloga do Estado de Sergipe, foi fundamental para o crescimento da instituição e a sua parceria suscitou a primeira capacitação para os professores dentro da própria instituição.

Em virtude do aumento na procura de atendimento, o espaço ficou pequeno e, em 1973, foi alugada uma casa na Rua Arauá, onde a APAE passou a fazer os atendimentos. A nova sede possuía espaço físico e, assim, novas salas foram surgindo, oferecendo comodidade, conforto e melhorias.

Diante dessas possibilidades, após visita do norte americano Doutor Kleber, foi implantado, na nova sede, o Método Doman Delacato (método desenvolvido para o tratamento de crianças com lesão cerebral, publicado em 1960 no “Journal of the American Medical Association” - JAMA) e o doutor Kleber era o responsável pelos atendimentos somente nos fins de semana.

A partir daí, o perfil do público que frequentava a instituição mudou e passaram a ser atendidas pessoas com grande comprometimento e as de baixa renda.

Neste período, o antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) preferiu não assinar convênio com a associação por não acreditar no desenvolvimento das pessoas com deficiência, acreditando que isso era um “desperdício”. No entanto, com a chegada da Assistente Social Magali³, o citado órgão passou a liberar os exames solicitados pelo médico que exercia o ofício voluntariamente.

Em 1975, deu-se início a “Feira da Bondade”, que tinha por objetivo angariar recursos com a venda dos produtos confeccionados pelos assistidos, familiares, voluntários e profissionais da associação, além dos que eram doados pela sociedade sergipana para ajudar na manutenção e realizar o sonho da sede própria.

3 Não foi localizado algum documento com o nome completo e a procedência dessa Assistente Social.

Em 1979, na gestão do Senhor Luiz Gonzaga da Silva, no governo de Cleóvanes Sóstenes, foi doado um terreno de 2.200² (dois mil e duzentos metros quadrados), transformando o sonho em realidade. Assim, a nova sede foi construída na Rua Manoel dos Santos Carvalho, sob o número 379, no Bairro Industrial em Aracaju (SE) (Relato de entrevista do Senhor Luiz Gonzaga da Silva e Senhora Maria Carvalho).

A construção da sede contou com a ajuda dos empresários da época e com a participação da sociedade sergipana por meio da “Feira da Bondade”, que acontecia anualmente com sucesso.

Na década de 1980, na gestão da Senhora Maria Lúcia Franco, trabalhos multidisciplinares foram iniciados com a chegada da fisioterapeuta Linda Morgan, com profissionais da área de Serviço Social, Educação e Saúde, sendo oferecidos serviços de fisioterapia, fonoaudiologia, orientação pedagógica e psicologia, aumentando, consideravelmente, o número de pessoas que buscavam atendimentos na APAE aracajuana.

2 O CAMINHAR DA DÉCADA DE 1990 ATÉ O PRESENTE

A partir da década de 1990, os serviços institucionais foram sendo aperfeiçoados, o que possibilitou uma melhoria nos atendimentos, levando a educação especial a passar por mudanças.

Exemplo dessas modificações foi o surgimento de leis que regem a inclusão das pessoas com deficiência no ensino regular, possibilitando um novo olhar e novas discussões para a sonhada Inclusão Social.

Nessa caminhada, as dificuldades financeiras sempre estiveram presentes e, na década de 2000, elas persistiram, sendo que em 2003, com a inserção do Programa de Proteção à Gestante (PPG), a instituição deu

uma injeção de ânimo nas finanças, passando a fazer mais de trezentos atendimentos. Em 2007, no governo de Marcelo Déda, o PPG foi cortado.

Nos últimos anos, a APAE vem vivenciando momentos financeiramente difíceis, sendo até cogitado o fechamento da mesma, o que traria perdas para o público predominante, visto que são assistidos, em sua maioria, de baixa renda e de alto comprometimento. O atendimento oferecido pela APAE é destinado a pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla.

O Estado e o Município colaboram por intermédio de convênios com o transporte e alimentação (os alunos fazem duas refeições em cada turno, uma na chegada e a outra na saída), como também, disponibilizam alguns funcionários e estagiários para a prestação de serviços na associação.

A sociedade aracajuana colabora por meio de campanhas, profissionais voluntários e festas em prol da associação, além de contar com recursos financeiros de associados contribuintes, funcionários da empresa PETROBRAS, do Banco do Estado de Sergipe (BANESE), da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), da empresa SERGÁS e algumas empresas privadas através do Projeto Adote (APAE, 2012).

Mesmo assim, não é suficiente perante os gastos para com recursos humanos, manutenção do espaço físico, materiais didáticos e mobiliários. Enfim, tudo que é necessário, para uma associação, empresa ou instituição se manter ativa numa sociedade capitalista.

O atual presidente da APAE chama-se Max Santos Guimarães, que junto com a diretoria não medem esforços para manter o funcionamento da mesma. A escolha da diretoria dá-se através de eleição entre os associados e com a participação dos pais, onde permanece por um período de três anos e, no máximo, de quatro anos.

Figura 1 – Presidente da APAE Aracaju (SE)⁴.



Fonte: Portal Infonet (2017).

A figura 1 traz a imagem do presidente da associação de Aracaju Max Santos Guimarães, que assumiu desde setembro de 2012, estando no segundo mandato. Na figura ele está acompanhado de duas alunas assistidas, no evento do convênio firmado no dia 13 de junho de 2017, entre a APAE e a Prefeitura de Aracaju para ampliação do tratamento de fisioterapia. A solenidade foi realizada na Prefeitura Municipal de Aracaju.

No momento, a faixa etária das pessoas atendidas na APAE está entre 14 (quatorze) e 55 (cinquenta e cinco) anos, motivo de preocupação para todos que participam da labuta de manter a APAE viva, pois é significativo

o grau de comprometimento e são, em sua maioria, indivíduos de baixa renda.

Na área da Educação, a Escola Manoelito Carvalho da APAE de Aracaju é uma unidade de Ensino Especial voltada para o atendimento de pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla e com autorização para funcionar com Educação Infantil e Ensino Fundamental sob a Resolução nº 052/83. Frisa-se reconhecimento, também, concedido pelo Conselho Estadual de Educação (C.E.E.), através da Resolução nº 281/89.

Porém, o Ensino Fundamental encontra-se desativado por motivo da demanda discente não possuir condições de

4 Descrição da imagem: fotografia horizontal, tórax de um homem ao centro e o tórax de uma mulher à esquerda do homem e de outra à sua direita. Homem de cor branca, alto, sorridente, abraçando as duas mulheres, vestindo blazer preto aberto e por baixo, camisa azul, com riscos brancos e de botões fechados e colarinho aberto. Mulher da esquerda usa diadema de laço marrom, blusa de malha amarela com branco, cabelos curtos e olhar dirigido para cima. Mulher da direita usa óculos, brincos pequenos, sorridente, olhar dirigido à frente e na sua blusa, no lado direito aparece o nome “APAE” em negrito, caixa alta e abaixo “Aracaju – SE”, tendo ao lado dois círculos amarelos. Fundo da fotografia azul com nome e logotipo da prefeitura de Aracaju, tendo à esquerda, o brasão oficial, símbolo da cidade, formado por figura quadrada, dividida em quatro partes, na primeira uma cruz, na segunda, a salina, na terceira, um coqueiro e na quarta, a roda dentada, todos na cor branca, trazendo dois cavalos marinhos, um do lado direito e outro do lado esquerdo. E no canto direito da fotografia, o mastro com a bandeira de Sergipe nas cores verde, branco, amarelo e azul.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza

acompanhar as atividades propostas pelo Ensino Regular.

Sendo assim, segundo seu plano de ação, são desenvolvidas atividades de estimulação

sensitiva, oficinas pedagógicas e artísticas e o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é um serviço de apoio complementar a pessoa com deficiência (APAE, 2012).

Figura 2 – Fotografia da aula do grupo musical BATUCAPAE⁵.



Fonte: ASCOM – APAE de Aracaju (2016).

A figura 2 retrata uma aula do projeto BatucAPAE, idealizado pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju. Neste projeto são desenvolvidas atividades como o canto coral, expressão corporal e musicoterapia. Ele tem o objetivo de socializar

e incluir, preparando os 15 (quinze) alunos envolvidos para apresentações dentro e fora da associação.

Com isso, são aprimoradas habilidades com a perspectiva de percepções musicais para aqueles que apresentavam dificuldades de

5 Descrição da imagem: fotografia horizontal, no centro teclado musical branco com suporte preto. À esquerda do teclado, um homem tocando violão, trajando calça jeans azul, camisa azul com imagens descentralizadas brancas, calçando tênis vermelho; à frente do homem, duas mesas pequenas, cada uma contendo um copo vermelho à direita das mesas, virados para baixo, uma mesa é verde e outra azul com a parte de cima branca. Por detrás das mesas, olhando para o homem tocando violão, homens e mulheres em pé, trajando camisas padronizadas da APAE Aracaju nas cores branca e amarela, calças azul ou preta e tênis branco ou preto, sendo que à frente perfilados quatro homens concentrados, três usando óculos, atrás deles três mulheres, e no final uma mulher de camiseta amarela e bolsa a tiracolo. À direita do homem com violão, três mulheres perfiladas, duas sorridentes e uma sentada em cadeira branca, todas olhando para o homem do violão. Atrás delas, duas mulheres de costas, uma de cabelo preso curto, camiseta estampada e a outra cabelo preso comprido e blusa branca, segurando uma bolsa marrom, adentrando a primeira porta à direita, mais estreita e aberta. No mesmo lado há uma segunda porta mais larga dando acesso a outro ambiente, onde se percebe um birô com objetos em cima e outra porta. A sala descrita, a parede é dividida ao meio na horizontal por uma linha de pequenos azulejos pretos, tendo a parte superior pintada de azul com placas contendo informações nas cores amarela, branca, preta e a inferior de azulejos na cor gelo e piso branco.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza

canto e letras, sendo promovidas a autonomia e autoestima. Assim, são utilizados instrumentos convencionais, como o zabumba, e os não convencionais, como copos e “pau de chuva”⁶.

Figura 3 – Fotografia aula do AEE⁷.



Fonte: Site institucional APAE Aracaju (s/d).

A figura 3 retrata a aula do programa AEE, que tem como objetivo acompanhar todos os inseridos na escola regular, agregando serviços de apoio educacional, composto por profissionais especializados, investindo na formação integral do assistido, visando suprir as necessidades educacionais que favoreçam a permanência na escola e o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

O AEE funciona nos períodos matutino e vespertino, no contra turno da matrícula do

aluno do ensino regular. Esse atendimento acontece na Sala de Recurso Multifuncional (SRM) sob a orientação de equipe de acordo com as necessidades de cada aluno.

A APAE conta com vários programas e projetos voltados para os assistidos e seus familiares, objetivando possibilitar melhor qualidade de vida dentro da sociedade, criando condições dignas de ir e vir para quem o preconceito e a exclusão deixaram, e deixam, marcas de desrespeito e rejeição.

6 O pau de chuva é um instrumento musical idiofônico, ou seja, é o próprio corpo do instrumento que produz o som, instrumento de percussão e ritmo com um som musicalmente impreciso, próximo ao que chamamos de ruído, originário do Chile. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau-de-chuva>

7 Descrição da imagem: fotografia na horizontal, fundo parede de azulejos brancos, tendo a primeira fileira, na parte superior, pintada de verde, à esquerda da parede um interruptor na cor gelo e à direita a figura do desenho de uma centopéia, tendo o corpo formado por cinco círculos ovais coloridos transportando os numerais de um a cinco e carregando no alto da cabeça redonda na cor marrom, uma antena na cor preta. Corpo sustentado por diversos pés calçados por sapatinhos pretos, andando em um gramado verde. No centro da fotografia, dois birôs com materiais escolares: livros, lápis, revistas, cadernos, um brinquedo de encaixe colorido e com três pessoas sentadas. No meio, uma mulher de óculos, cabelos pretos na altura dos ombros, blusa estampada, orientando o jovem da direita nas atividades e o da esquerda, observando e aguardando ser orientado.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.

Figura 4 – Fotografia oficina de desenho/parceria com o SENAC⁸.



Fonte: Site Senac (2017).

A figura 4 traz a imagem de encerramento da IV (quarta) Oficina de Cartões-postais, parceria do SENAC/SE com APAE Aracaju. A oficina aconteceu entre os dias 12 de março e 30 de abril de 2017, com dois encontros semanais nas dependências da associação.

Participaram desta oficina 20 alunos da APAE e das pinturas feitas em tinta guache, seis foram escolhidas para ilustrar os cartões-postais, sendo impressas 4.000 (quatro mil) cópias que foram distribuídas entre os alunos, clientes, colaboradores do Sistema Fecomércio/SESC/SENAC, os envolvidos na oficina e seus familiares.

Todos os participantes receberam um certificado do SENAC e os que tiveram as obras escolhidas ganharam cópia ampliada e

emoldurada. A oficina foi ministrada pelo artista visual e instrutor do SENAC Elias Santos.

Muito já se falou sobre a importância dessa associação na vida de pessoas que encontraram, na maior parte das suas existências, portas fechadas e muitos não sem explicação, simplesmente a indiferença como resposta. Diante das dificuldades financeiras, estão fadadas a exclusão se a causa da APAE aracajuana não passar a pertencer a todos.

Por isso a relevância da memória para a perpetuação da história de um grupo e de uma sociedade:

Se, por memória histórica, entendemos a sequência dos acontecimentos dos quais a história nacional conserva a lembrança,

8 Descrição da imagem: fotografia na horizontal do encerramento da oficina de desenho, em parceria com o SENAC. O encerramento contou com a participação de vinte alunos da APAE/Aracaju, professores, representantes da APAE e do SENAC. Alunos usando o uniforme da associação, calça, camisa, tênis e bonés da parceria. Na frente, grupo de alunos de várias cores expondo os seus trabalhos em quadros, com a participação de um aluno cadeirante à direita. Por trás desses alunos, os demais em pé, segurando certificados de conclusão da oficina e os representantes das duas instituições composto por homens e mulheres. Ambiente com o fundo azul, tendo na parede três placas com informações nas cores preta, amarela e branca, um corredor e uma porta à direita aberta. Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.

não é ela, não são seus os quadros que representam o essencial daquilo que chamamos memória coletiva. Mas, entre o indivíduo e a nação, há muitos outros grupos, mais restritos do que, também eles, têm sua memória, e cujas transformações atuam muito mais diretamente sobre a vida e o pensamento de seus membros. [...] cada homem está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Cada grupo, aliás, se divide e se restringe, no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância senão para elas, mas que interessam tanto mais que seus membros, que são pouco numerosos (HALBWACHS, 1990, p. 79-80).

Diante de tais apontamentos, Halbwachs nos faz perceber a necessidade de um trabalho conjunto para a continuação das atividades propostas e desenvolvidas pela APAE aracajuana, que construiu uma história de lutas, determinação, sim e não recebidos por pais, que em meio às tempestades da vida nunca deixaram de acreditar e que dentro de qualquer sociedade tem espaço para todos galgarem a sua própria história.

Sendo assim, fazer um paralelo com grande pertinência entre o antes, o agora e o depois é importante para a compreensão dessa construção, por isso:

Esses contrastes, que traçam as diferenças do positivo e do negativo, do claro e do escuro, das certezas e incertezas, facilitam a passagem aos extremos. De um lado, o sentimento de que não há mais critérios do impossível, que as conquistas se fazem de agora em diante em espécies de “novos” novos mundos dos quais o homem se tornou o criador através de todos os seus projetos. A performance se traduz no culto desse otimismo. Por outro lado, o sentimento de uma impotência diante dos impasses que aparecem, dos riscos que é preciso enfrentar, da instabilidade dos sinais que orientam os percursos da vida, da precariedade das conquistas. A opacidade do

futuro parece impenetrável. A posição de incerteza resulta dessa oscilação entre encantamento e desencantamento (BALANDIER, 1999, p. 9).

A APAE aracajuana iniciou o seu germinar por causa de um pequeno grupo de pais que desejaram encontrar, dentro da sociedade em que viviam, um espaço onde seus filhos pudessem ter identidade própria e não a alimentada por séculos, a de que pessoas com deficiência não tinham capacidade de viver em sociedade, de serventia e nem de ser protagonista da sua caminhada.

Pensando na construção de uma sociedade justa e solidária, a APAE aracajuana foi encontrando e conquistando seu espaço com a missão de promover e articular ações de defesa de direitos, prevenções, orientações, visando a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, conforme visualizamos nas ações educativas aqui expostas por meio de imagens e registros escritos.

No entanto, manter as chamas da liberdade acesas e o sonho dando frutos dentro de uma sociedade capitalista chega a ser quase utópico para uma associação civil, beneficente, sem fins lucrativos ou de fins não econômicos:

A responsabilidade é atribuída a outrem, ao sistema. [...] O conformismo é o traço mais comum de comportamento da organização do mal no mundo moderno. No entanto, podemos colocar, ao lado do conceito da estrutura, o conceito de transformação social. Se o comportamento apresenta formas cristalizadas e repetitivas por que há mudanças contínuas nas normas das instituições? Não podemos negar a mudança: um exame de dez anos atrás quantas transformações históricas evidência! (BOSI, 2003, p. 130).

Com quase cinquenta anos de existência, a APAE de Aracaju está passando por dificuldades outrora vividas. No entanto, com a aceleração do progresso capitalista, das políticas exacerbadas, das greves trabalhistas, da concorrência desleal por um espaço ao sol e onde o conformismo, como o afirmado por Bosi (2003), molda o comportamento da sociedade frente às

adversidades, torna-se uma batalha ao vento manter a história viva.

Essa dificuldade encontra sua causa fundamental nas múltiplas acepções do termo “cultura”, que podem se distribuir esquematicamente entre duas famílias de significados: a que designa as obras e os gestos que, em uma sociedade dada, se subtraem às urgências do cotidiano e se submetem a um juízo estético ou intelectual e a que aponta as práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos (CHARTIER, 2009, p. 34).

A APAE aracajuana tem na sociedade o apoio de muitos que abraçam a causa, todavia, necessita de mais pessoas envolvidas, fomentando a caminhada para que o sonho não morra e que bem mais pessoas possam ser assistidas.

Neste sentido, as ações refletem sobre a nossa relação com o outro, com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor, pois, precisamos de pares para aceitação e inserção nos diferentes contextos. Um projeto pode findar se não for abraçado por muitos. Temos ciência de que o capitalismo é um dos vetores que impulsiona as famílias, os sonhos, a realidade e a sociedade.

Tendo em vista que tudo nessa vida precisa de combustível para ganhar forças e romper horizontes, isso não seria diferente para a continuidade e prosperidade da associação.

“O fato é que a leitura das diferentes temporalidades que fazem que o presente seja o que é, herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo, continua sendo a tarefa singular dos historiadores e sua responsabilidade principal para com seus contemporâneos.” (CHARTIER, 2009, p. 68).

Então, a sociedade como um dos meios dessa escrita, de certa forma tem uma parcela de responsabilidade no fazer, escrever e transformar os caminhos.

O desenrolar de uma causa que sempre teve como objetivo garantir um espaço para as pessoas que estiveram distantes está aos

cuidados da mesma sociedade que renegou, por séculos, essas identidades.

O novo, na maioria das vezes, assusta e exige riscos, além de causar rejeição enquanto não se assimila adequadamente. Sendo assim,

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres (FREIRE, 1996, p. 35-36).

O que o autor apresenta, de maneira clara, é que qualquer situação que vá de encontro às regras sociais gera desconforto para muitos que se encontram na zona do comodismo, visto que é mais fácil fingir ou fechar os olhos para as situações incômodas do que enfrentá-las.

Consequentemente, a impunidade continua imperando, a discriminação fazendo suas vítimas e a vida seguindo para todos, só que alguns seguem construindo suas histórias, marcando seus espaços, enquanto outros não passam de estatísticas que fazem leis e geram projetos.

Todavia, não criam possibilidades dignas para essas pessoas. A história da Educação Especial no Brasil tem marcas profundas de desrespeito, desde sempre, para as pessoas consideradas “anormais”. Conforme ressalta Jannuzzi:

É preciso ter presente que a sociedade civil esteve representada em toda esta estruturação legal da educação especial, inclusive com participação de pessoas atuantes na

área educacional, embora vindas de formação inicial em psicologia, medicina etc. Atuaram dentro dos limites de uma sociedade como a nossa, onde a participação realmente democrática sofre até hoje os limites gestados pelos coronéis dos anos iniciais da República, mantidos nas gestões ditatoriais de Getúlio Vargas e dos militares (JANNUZZI, 2006, p. 163).

As memórias nos levam por caminhos que, às vezes, encorajam e, em outros momentos, minam as forças diante de tantos descasos. Constantemente se fala dos avanços em relação às pessoas com deficiência desde década de 1990 até a presente data, devido a Declaração de Salamanca⁹.

É evidente que muito já se fez, no entanto, ainda há um percurso longo, pedregoso e de difícil acesso para percorrer, visto que muitas coisas são iniciadas e poucas concluídas, e diversas informações estão desconectadas com as realidades de cada região, cidade, sociedade e cultura.

Dessa forma, são geradas hipóteses sem argumentos concretos e a história vai sendo escrita a esmo e sem lapidação. Com isso, por enquanto, os atores principais são substituídos pelos achismos da conveniência.

Por meio dessa pesquisa, buscamos escrever uma história diferente para a APAE – de Aracaju, em um estágio crítico e, ao mesmo tempo, glorioso diante de quase 50 (cinquenta) anos de vida.

Este é um momento para eternizar as memórias dos anos iniciais, onde um grupo sem conhecimento técnico de como lidar com as diferenças aceitou o desafio de começar o caminho da formação e do compreender como trabalhar com pessoas com deficiência. Para isso, conhecer o lugar e o espaço de atuação é essencial para desenvolver um bom trabalho:

O lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo po-

dem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável. Certamente, os acontecimentos excepcionais também têm lugar neste quadro espacial, mas porque na ocasião certa o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Halbwachs afirma o quão importante um lugar é na vida das pessoas que dele fizeram parte, que construíram suas lembranças e formaram suas identidades que permeiam suas memórias.

Os lugares, as pessoas, os móveis, os pensamentos, os ruídos e os silêncios vividos em momentos de agitação e de paz são peças fundamentais nas memórias de um grupo ou nas memórias individuais. A evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende, essencialmente, da evolução social e, especialmente, do desenvolvimento urbano:

A memória coletiva, no início da escrita, não deve romper o seu movimento tradicional a não ser pelo interesse que tem em se fixar de modo excepcional num sistema social nascente. Não é, pois, pura coincidência o fato de a escrita anotar o que não se fabrica nem se vive cotidianamente, mas sim o que constitui a ossatura duma sociedade urbanizada, para a qual o nó do sistema vegetativo está numa economia de circulação entre produtos, celestes e

9 Trata-se de um documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social.

humanos, e dirigentes. A inovação diz respeito ao vértice do sistema e engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória de modo completo, nem em cadeias de gestos, nem em produtos (1964-1965, pp. 67-68) (LE-ROI- GOURHAN apud LE GOFF, 2003, p. 429).

O caminhar dessa pesquisa foi o início de uma história de encantos, memórias, lembranças e construção de uma identidade de importância valorosa para a sociedade aracajuana.

No pontuar da escrita, emergiu o querer de que as dificuldades fossem superadas e que os sonhos idealizados por aqueles que desejaram e pensaram em um lugar que acolhesse os seus filhos com dedicação e respeito às diferenças continuem crescendo, florindo e que perdure para as gerações futuras.

A APAE trouxe esperança e fez com que seus idealizadores acreditassem que todos são capazes de escrever e, na impossibilidade da escrita convencional, rabiscar a sua história, dentro de uma sociedade de exclusão, segregação, rejeição e humilhação. E eles estavam certos dentro de suas incertezas.

Que a “margarida”, símbolo da associação, continue viva e que seus frutos sejam especiais, que recebam carinho, respeito, amor, dedicação e tenham um espaço onde possam se abrir para a vida.

Que trilhem suas histórias e que suas memórias sirvam de incentivos para aqueles que ainda não acreditam nas facetas e nos diversos caminhos da aprendizagem na construção de dias melhores para todos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória histórica, coletiva e social foram fundamentais para a realização dessa pesquisa, trazendo dados que dialogaram entre si e alicerçaram a conclusão dos diálogos durante o processo de construção.

A fundação da associação deu-se pela união de um pequeno grupo de pais que não

encontravam nas escolas de ensino regular espaço para os seus filhos com deficiência.

As APAEs já começavam a fazer história no país desde 1954, com a fundação da primeira unidade no estado do Rio de Janeiro e as informações sobre ela eram circuladas na imprensa escrita.

Contudo, para quem estuda a Educação Especial, sabe que, nesse período, era tudo muito novo no país e, em especial, no estado de Sergipe. Não havia dentro das academias, grades curriculares ou disciplinas com esse foco, como também pesquisas com esse direcionamento.

A APAE aracajuana conseguiu galgar o seu espaço na sociedade, em meio a muitas dificuldades financeiras, de profissionais capacitados, do preconceito em relação às pessoas que não estão enquadradas no engessamento social e tantos outros obstáculos inerentes a uma associação sem fins lucrativos.

No entanto, nesses quase cinquenta anos de caminhada, continua na batalha de mostrar através da existência física e social que todos são capazes de construir sua história como cidadãos com direitos e deveres constituídos.

Que possamos fazer a APAE aracajuana acontecer, que o amor não perca sua essência e continue fazendo parte da caminhada evolutiva humana, respeitando o outro dentro da sua diversidade, enquanto singular, capaz e responsável pelos capítulos da sua história de vida.

REFERÊNCIAS

APAE. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/SE. **Ata da 2ª Assembleia**, 29 de abril de 1971. Aracaju: Acervo da APAE/SE, 1971. p. 2-104.

APAE. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/SE. **Ata da 3ª Assembleia**, 25 de maio de 1971. Aracaju: Acervo da APAE/SE, 1971. p. 3-105.

APAE. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/SE. **Plano de Ação de 2012**. Aracaju: Acervo da APAE/SE, 2012.

- BALANDIER, Georges. **O Dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.
- JANNUZZI, Gilberta Sampaio de Martino. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- JORNAL GAZETA DE SERGIPE. **Ano X – Nº 2651**. Aracaju, quinta-feira, 11 de março de 1965, p. 4.
- JORNAL GAZETA DE SERGIPE. **Ano XV – Nº 4041**. Aracaju, quarta-feira, 21 de janeiro de 1970, p. 2.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-476.
- SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação Especial em Sergipe (Séc. XX)**: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas. Aracaju: Criação, 2013.

Recebido em 28 de junho de 2018

Aceito em 09 de outubro de 2018